

# PROBLEMATIZAR, PARTICIPAR, PRODUZIR

## PROBLEMATIZE, PARTICIPATE, PRODUCE

Álamo Pimentel<sup>1</sup>

**Resumo:** *As experiências na extensão universitária deflagram processos educativos marcadamente interculturais e pluriépistêmicos. Tais processos são transpassados por práticas coletivas de partilhas dos saberes aqui identificadas pelas ações de problematizar, participar e produzir. O texto destaca a crítica do colonialismo intelectual de Orlando Fals Borda como pressuposto da descolonização dos saberes e fazeres acadêmicos, uma orientação precursora do trabalho participativo na articulação da extensão com o ensino e a pesquisa. As conclusões destacam a composição de redes de práticas de atuação em que as ações de problematizar, participar e produzir emergentes de experiências extensionistas, tornam-se potencialmente transformadoras dos outros modos de produção do conhecimento acadêmico no ensino e na pesquisa.*

**Palavras-chave:** *Educação. Extensão Universitária. Interculturalidade. Metodologias Participativas.*

**Abstract:** *Experiences in university extension programs have triggered markedly intercultural and multi-epistemic educational processes. Such processes are pierced by collective knowledge sharing practices identified through actions of problematizing, participating and producing. Our text emphasizes Orlando Fals Borda's critique of intellectual colonialism as the basic assumption for the decolonization of academic knowledge and processes, a pioneer orientation toward participatory work in articulating extension with teaching and research. Our conclusion demonstrates the importance of creating networks of practices in which the actions of problematizing, participating and producing that emerge from extension experiences can potentially transform other modes of producing academic knowledge in teaching and research.*

**Keywords:** *Education. University Extension. Interculturality. Participatory Methodologies.*

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (1997) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Possui pós-doutorado em sociologia do conhecimento pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Foi professor da Universidade Federal da Bahia entre os anos de 2003 e 2013, atuou no I do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas entre os anos de 2013 e 2015 e atualmente é Professor Associado III da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: alamopimentelmcz@gmail.com

## Introdução

Entre saberes acadêmicos e saberes não acadêmicos a diferença no trato social com o conhecimento e com a produção do conhecimento é, também, o que diferencia marcadamente a extensão do ensino e da pesquisa.

Fazer extensão universitária supõe maior investimento em sair do lugar e abrir-se a situações inesperadas no trato com diferentes saberes e as relações sociais que lhes são subjacentes. Enquanto os modelos dominantes do ensino e da pesquisa recorrem à fixação de epistemologias e métodos para consolidar as bases das suas ações, a extensão universitária desloca e provoca aberturas nas epistemologias e métodos próprios dos saberes e fazeres universitários em processos de maior interação dialógica com a sociedade.

Colocar saberes em circulação e, simultaneamente, compartilhá-los fora dos muros das universidades exige o trabalho do diálogo intercultural<sup>2</sup> articulado a métodos de alta intensidade de participação social. Tal diálogo reivindica os conflitos presentes na vida em sociedade como conflitos inscritos na vida universitária. Nessa perspectiva as interlocuções da universidade com a sociedade perfazem os ritmos das lutas do presente vivido à medida em que situam o contexto histórico da experiência intercultural.

Por outro lado, tal experiência coloca sensibilidades e inteligibilidades coletivas a serviço das emancipações sociais dos seus participantes. Compreendendo que emancipações sociais resultam de práticas coletivas de partilhas de saberes geradoras de formas sensíveis e inteligíveis de compreensão dos sentidos do pertencer e agir coletivos; necessários à participação nas lutas sociais e produção de alternativas viáveis ao viver comum.

O que fundamenta essa concepção de extensão universitária é a crítica radical aos modelos eurocêntricos e estadunidenses que fixaram padrões de organização e funcionamento das instâncias de produção do conhecimento nos ambientes universitários. Tais padrões relegaram à extensão universitária a tarefa de “prestadora de serviços”, com orientações assistencialistas ou mercantilistas, conforme os modelos hegemônicos de universidade, ou ainda à oferta de cursos para a comunidade, o que supunha a manutenção de padrões rígidos de separação entre quem leva o saber universitário e quem recebe tal saber. (NOGUEIRA, 2005); (ROCHA, 2001) Em ambos os casos, as configurações espaço-temporais mantêm as barreiras que separam a universidade da sociedade e, em larga medida, institui hierarquias entre uns e outros no trato com o conhecimento e com as relações sociais.

Este artigo destaca a crítica do colonialismo intelectual presente na obra de Orlando Fals Borda (1985, 2008, 2010, 2012, 2015) como princípio epistemológico de um fazer extensionista que se move nas tramas interculturais das situações de agir coletivo e transforma as condições de participação na (e com a) produção de saberes. Parto do pressuposto de que a história do conceito de “colonialismo intelectual” confunde-se com a história de vida do seu autor e, com um conjunto histórico de lutas sociais do contexto colombiano do século passado<sup>3</sup>. Considero ainda que tais referências históricas são inspiradoras para os desafios do presente da extensão universitária brasileira.

Uma das prerrogativas do colonialismo intelectual é crítica da tendência em reproduzir ideias e conceitos de intelectuais dos países dominantes sem levar em conta o contexto local em que tais teses são aplicadas. (FALS BORDA, 1985) Essa adesão subserviente ao pensamento que vem dos países do norte planetário acaba por produzir subjetividades interdadas na tarefa da criação de um pensamento comprometido com a transformação dos contextos de dominação cultural do sul do mundo. Ainda segundo o pensador colombiano, a crítica deve partir do questionamento radical do lugar em que nós, intelectuais do sul do mundo ocupamos quando nos autodenominamos pensadores ocidentais:

2 Compartilho a visão que a interculturalidade não se reduz a uma interrelação entre culturas diferenciadas. Reconheço-a como processo e projeto dialógico de construção de conhecimentos e políticas outras Catherine Walsh (2014) cujo pressuposto central é o enfrentamento das formas de dominações epistemológicas e sociais vigentes no mundo presente.

3 Destaco a produção do sociólogo colombiano nos moldes da expansão de uma imaginação sociológica (MILLS, 1965) em que as interseções entre os aspectos biográficos e contextuais produzem a emergência de condições de atuação teórico e prática nas tramas sociais em que o trabalhador intelectual participa de história do seu tempo.

Começamos, pois, com o problema dos cientistas e pesquisadores, que, em geral, nos consideramos membros da comunidade acadêmica dominante do Ocidente. Confessemos que esta comunidade não tem sido equânime de todo nem suficientemente informada que nisso nós, que habitamos no Terceiro Mundo, não levamos a melhor parte. Muitos de nós nos frustramos com o colonialismo intelectual que adotamos diante de colegas de países do Norte, pois ele nos impediu de sermos suficientemente independentes e criativos, sendo que, em nossa atual crise, necessitamos de maior liberdade de concepções e mais amplitude de visão [...] (FALS BORDA, 2010, p. 360)

A submissão aos modelos teóricos exteriores aos contextos locais a que pertencemos, obstrui nossa capacidade de sentir, pensar e agir conforme as exigências das lutas sociais do presente. As distâncias que separam o pensar, do sentir e do agir também segregam os lugares que distinguem saberes acadêmicos de saberes não acadêmicos. A crítica do colonialismo intelectual é antes de tudo uma crítica da dominação epistemológica do pensamento que divide, afasta e segrega as “ciências acadêmicas” das “ciências do povo”<sup>4</sup>. Muito das contribuições do pensador colombiano ecoa nas teses que sustentam o movimento das epistemologias do sul. Sobretudo no que diz respeito aos usos do conhecimento nos processos de dominação colonial que persistem como modos de dominação cultural no presente.

A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As Epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos[...] (ME-NESES, SANTOS, 2010, p.13)

Parto dessas referências para destacar a extensão universitária como um movimento de descolonização dos saberes e fazeres universitários. Enfatizo as ações de problematizar, participar e produzir como práticas coletivas de partilhas de saberes com as quais o fazer extensão gera condições edificantes para a transformação do ensino e da pesquisa.

## Sair das torres de marfim a caminho da inserção nas lutas sociais

O investimento nas metodologias participativas no trabalho extensionista exige uma tomada de posição quanto à construção coletiva do conhecimento, mais do que o uso de técnicas a serem aplicadas na produção do conhecimento. Trata-se notadamente de um investimento ético-político nos processos de identificação entre atores acadêmicos e não acadêmicos que não se deixa reduzir a mero empreendimento técnico-científico daqueles que conduzem o conhecimento ou serviços universitários para os outros.

Sair da torre de marfim e buscar a inserção social na produção de conhecimento com os outros apontam dois horizontes que indicam a indissociabilidade entre a crítica e a criação do novo. A crítica do colonialismo intelectual em Orlando Fals Borda exige o anúncio do compromisso com projetos de transformação social. Penso ainda que indica um ponto de partida rumo a um horizonte mais vasto na composição de ações extensionistas comprometidas com o diálogo intercultural no trabalho coletivo do conhecimento.

No avançar de suas construções teóricas nas últimas décadas do século passado, o pensador colombiano indaga sobre a possibilidade de uma sociologia da libertação (FALS BORDA, 2012)<sup>5</sup>. Tal proposição o coloca ao lado de outros pensadores latino americanos enraizados em diferentes regiões das ciências sociais do campo da libertação a exemplo de Paulo Freire, Enrique Dussel e Leopoldo Zea. (BRINGEL,

4 Ao longo da produção teórica de Orlando Fals Borda a principal configuração intercultural do seu pensamento se apresenta da análise crítica da dialética entre a cultura acadêmica e a cultura popular. Isso se pronuncia de maneira bastante clara no texto coletivo que ao autor assina e que foi traduzido para o Brasil na segunda coletânea de textos sobre a pesquisa participante no final da década de 1980 (BONILLA, CASTILLO, FALS BORDA, LIBREROS, 2000).

5 O texto citado consta de uma coletânea organizada no ano de 2012, mas remete a uma conferência realizada no ano de 1970 em Bogotá.

MALDONADO, 2016) A libertação supõe a construção de um pensamento social comprometido com a superação das diferentes formas de dominação e com a transformação dos modelos de exploração social em paradigmas de participação solidária na produção de saberes e fazeres necessários à vida social. Isto supõe sair do isolamento intelectual e enfrentar as tensões que ultrapassam as fronteiras entre a universidade e a sociedade.

Las estructuras políticas, económicas, ideológicas y culturales sufren tensiones cada vez más fuertes, y estas tensiones sacuden y cuartejan las torres de marfil en que preferían acomodarse los científicos. No hay ahora escapatoria posible, y quienes salen de esas torres a respirar el aire del cambio tienen que hablar un nuevo lenguaje científico, y sobre temas inusitados, quizá espeluznantes, aparentemente anticientíficos porque no encajan dentro del molde de lo normal que nos viene de otros territorios o de nuestros grupos de referencia [...] (FALS BORDA, 2012, p. 149)

As crises do mundo contemporâneo transpassam os muros das universidades, promovem turbulências nas suas comunidades pensantes, abalam as estruturas de suas hierarquias sociais. As tensões tornam-se mais intensas nos espaços-tempos em que as ações universitárias são menos reguladas em seus meios de saber e fazer. A extensão universitária favorece o aprendizado de condições mais solidárias, porque menos solitárias, no trabalho social do pensamento. A saída do isolamento intelectual supõe a abertura radical a outras formas de sentir, pensar, dizer e agir com os outros, no movimento. Além da entrada nas tensões originais que provocaram o deslocamento inicial, há o desafio de operacionalizar condições de estar junto. Falar uma nova linguagem científica; estabelecer relações de trocas contínuas no trato com o conhecimento; ampliar as condições de participação e produção do conhecimento. Sair tanto abre possibilidades novas, quanto direciona intencionalidades no agir. Inserir-se em coletivos de lutas sociais configura as direções do caminho em se fazendo.

A inserção nas lutas sociais se apresenta como destino daqueles e daquelas que subvertem as lógicas hegemônicas do saber científico movidos por uma práxis libertadora da própria ciência. A inserção aqui deve ser compreendida como um ato de partilha das visões de mundo circunscritas em contextos de lutas sociais.

Do ponto de vista metodológico, o pensador colombiano nos provoca pensar em termos de uma “observação-inserção”, como superação dos limites teóricos rígidos que definem em termos disciplinares a “observação participante” e a “observação-intervenção”. Segundo as suas palavras, a “observação-inserção”:

implica no sólo combinar las dos anteriores sino ir mas allá para ganhar una visión interior completa de las situaciones y procesos estudiados, y com miras a la acción presente e futura. Esto implica que el científico se involucre como agente dentro del proceso que estudia, porque há tomado una posición em favor de determinadas alternativas, aprendiendo así no sólo de la observación que hace sino del trabajo mismo que ejecuta com los sujetos com quienes se identifica [...] (FALS BORDA, 2012, p. 183)

Sob esse ângulo a inserção é o compartilhamento ótico do lugar em que os participantes do processo de produção do conhecimento constroem identificações sociohistóricas uns-com-os-outros.

Da ruptura com individualismo intelectual que produz o isolamento em torres de marfim à inserção em lutas sociais que promovem a ampliação da participação política na produção do conhecimento, o que faz o método são as práticas coletivas de partilha do conhecimento no processo de fazer o caminho. E o que faz o caminho são os diferentes fluxos culturais marcados (e por vezes orientados) por estruturas de dominação colonial que persistem nos conflitos do presente.

O engajamento intelectual de Orlando Fals Borda nas lutas pela reforma agrária na Colômbia, contra a violência no campo e na cidade e, sobretudo na democratização das condições sociais de produção do conhecimento marcam seus itinerários intelectuais e, ao mesmo tempo, conferem densidade vivencial as suas reflexões, dada a cumplicidade entre as suas lições intelectuais e suas lições de vida.

Após duas décadas de envolvimento com a criação da Faculdade de Sociologia da Universidade

Nacional e com as políticas oficiais de Reforma Agrária e Ação Comunitária, Orlando Fals Borda “deixaria a universidade em 1969 para se comprometer de todo com o movimento camponês como pesquisador militante”. (CARRILLO, 2010, p.356) A partir de então começa a se dedicar, ao lado de outros intelectuais, à investigação-ação-participativa, orientação metodológica que resulta da sua inserção radical nos movimentos sociais colombianos como pesquisador. Também é nesse período as que noções de práxis, libertação e subversão ganham novos contornos e maior expressividade em seu pensamento.

No transcorrer dos anos 1970 e 1980 o sociólogo colombiano toma parte do Coletivo *La Rosca* que “tinha como objetivo principal atuar na sistematização do conhecimento, na pesquisa direta dos problemas sociais, na metodologia da ação e na divulgação”. (BRINGEL, MALDONADO, 2016, p. 397) Ao lado de outros intelectuais, em regime de colaboração, surge uma das mais ricas e complexas experiências de produção coletiva do conhecimento. A investigação-ação-participativa exerceu forte influência nas tradições de trabalho com a educação popular no Brasil e na América Latina como um todo.

Nos cenários brasileiros, as ideias do pensador colombiano chegam por meio de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. Importante ressaltar que muitos dos seus escritos mencionam como interlocutores Octávio Ianni, Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos, intelectuais brasileiros engajados com um amplo debate intelectual do compromisso sociológico com grandes causas sociais latino-americanas. Nos seus ditos e escritos, Orlando Fals Borda constrói cenas de interlocução em que nos faz ver, caminhos percorridos com os outros na tessitura de um trabalho marcado pela política da libertação do pensamento, pela ética do compromisso e por uma estética da fraternidade contra todas as formas de injustiças sociais.

Não se trata mais de ver em contraste o “saber acadêmico” e o “saber popular”. A construção de lugares de intersecção entre saberes diferenciados adensa a tessitura de “saberes vivenciais”. O que liga as pessoas umas às outras é o sentimento de pertencimento às lutas e o compromisso coletivo com a vida. Segundo as palavras do sociólogo colombiano:

Puede verse que la hermandad de los intelectuales críticos del norte e del sur propende por un mundo mejor em el que queden proscritos el poder opresor, la economia de la explotación, la injusticia em la distribución de la riqueza, el dominio del militarismo, el reino del terror y los abusos contra el medio ambiente natural (FALS BORDA, 2012, p.161)

O que nos move no trabalho coletivo do conhecimento percorre potências de sentimento e pensamento que nos irmanam contra o que nos oprime; alimentam as rebeldias das ações para além dos limites que cerceiam nossas liberdades e, sobretudo, inspiram a criação dos elos que nos mantém ligados nas nossas lutas contemporâneas. Aponto de maneira breve, a seguir, as conexões entre problematizar, participar e produzir como práticas de partilha dos saberes no fazer extensionista, inspirado pelo trabalho de Orlando Fals Borda.

## **A problematização como tensão sentipensante nas lutas sociais**

A experiência extensionista provoca questões que abrem caminho, desafiam o que já sabemos sobre os outros e nos lançam diante do inesperado. Antes de chegarmos a campo, o campo chega até nós à maneira de questões imaginadas<sup>6</sup>. Tais questões remetem às condições de aprender a estar com os outros, compartilhando visões contextualmente relevantes dos temas sociais em que nos inserimos. Compartilhar visões como quem compartilha vivências.

Considero três perguntas seminais pertinentes ao exercício da imaginação extensionista: de onde parto? Com quem me identifico? Como fazemos o caminhar juntos? Muito do que conquistamos com os nossos fazeres extensionistas resulta em saberes e práticas legitimados pelas experiências vividas com os outros, perspectiva sobre a qual apresento os sentidos da produção na extensão universitária, e que também transpassa a participação responsiva no trabalho em campo. A dimensão problematizadora

<sup>6</sup> Tais questões aqui são tomadas como posições sociais referenciadas em assuntos públicos (MILLS, 1965, p.15) que perpassam a experiência pessoal e mobilizam os compromissos daquelas e daqueles que praticam extensão universitária.

perpassa todo o processo como potencial de geração (e negociação) de sentidos para o sentir, pensar e agir. Ação instauradora das conversações por meio das quais nos movemos conosco e com os outros.

Anteriormente, na introdução desse artigo, destaquei que a crítica ao colonialismo intelectual remete ao autoquestionamento da dependência cognitiva do pensamento exterior (sobretudo eurocêntrico e estadunidense) no trato com questões próprias dos contextos que nós habitamos no sul do mundo. Partir a caminho de temas e lutas sociais próprias dos nossos contextos exige a problematização dos lugares que ocupamos nas relações com os saberes para avançarmos na construção de lugares outros. De onde eu parto? Marca a dúvida fundamental sobre o que limita nossos saberes e fazeres ao mesmo tempo em que instaura a possibilidade de abertura de outros horizontes. Pergunta geradora a partir da qual podemos indagar: O que sei sobre os outros? O que ignoro sobre os outros? Como me apresento nas relações? Como me inscrevo nos contextos de atuação social com os outros? Enfim, partimos sempre das paisagens que inscrevem o autoconhecimento nos circuitos de nossa existência e nos nossos lugares de fala. A questão inicial nos remete à ruptura com o que nos individualiza para a aceitação radical da sociabilidade como condição de avanço na experiência.

A torre de marfim apresenta-se como metáfora do individualismo ou do elitismo intelectual que produz os “complexos” de superioridade no mundo acadêmico. No avanço do texto, destaquei que a saída dessa torre de marfim, exige perguntarmos com quem interagimos à medida compartilhamos visões de mundo inseridos em contextos de lutas sociais. Que histórias de vida carregam as pessoas com quem interagimos? O que sabem e o que eu ignoro sobre aquilo que elas sabem? Quais os sentimentos em comum nos ligam o mundo? Essas e outras tantas perguntas, remetem à alteridade radical com a qual tecemos identificações nos processos de inserção. Quando nos perguntamos: com quem nos identificamos; deflagramos questões que nos fazem sentir-pensar sobre as relações que tornam possível estar com, em regime de socialização.

Fazer o caminhar nos impele sentir-pensar-agir quanto aos métodos com que operacionalizamos o trabalho coletivo que orienta o curso de nossas ações. Neste nível de problematização, já não se trata de produzir teorias que exteriorizem e fixem conteúdos para nossas formas de agir, mas interpelar reflexivamente a experiência dentro do movimento coletivo em que afirmamos nossas presenças com os outros.

Penso que entre as muitas formas de nos movermos no trabalho coletivo, destacam-se: combater todas as formas de discriminação racial, de classe, gênero e orientação sexual que persistem no mundo contemporâneo; enfrentar as desigualdades sociais e as formas de exploração que as impõem; lutar a favor do direito ao conhecimento e ao bem viver com a natureza, etc. O curso das nossas relações com as causas sociais é que define os métodos com os quais produzimos a emergência dos saberes vivenciais que passamos a compartilhar à medida que problematizamos o que fazemos conosco, com os outros e com os itinerários percorridos ao longo das experiências vividas coletivamente. Problematizar expressa, portanto, práticas coletivas de partilhas dos saberes emergentes das tensões sentipensantes que nos ligam aos outros e nos fazem avançar juntos.

A dimensão “sentipensante” conforme a define Orlando Fals Borda remete ao fundamento das sabedorias ancestrais das Américas e da África que, em larga medida, articulam o sentir, ao pensar e ao agir, sugere ainda que “a intuição e o coração podem ser tanto ou mais definitivos para a tarefa científica e educacional do que a razão e o cérebro”. (FALS BORDA, 2010, p. 365) Sair do lugar; identificar-se com; caminhar juntos rumo a emancipações coletivas; supõem, portanto, aprender a partilhar sentimentos e conceitos que nos retiram do isolamento e nos orientam no trânsito da partilha. E tal aprendizagem exige praticar indagações pertinentes não só ao que nos aproxima dos outros, mas também o que sustenta nossas presenças lado a lado em regime de colaboração com a história de que fazemos parte.

## **A participação como política da co-presença**

Enquanto a problematização transforma tensões sentipensantes em práticas de questionamento necessárias ao caminhar juntos, a participação se configura como força de socialização responsiva;

prática política na tessitura de laços sociais alimentados por saberes e fazeres relevantes ao trabalho em coletividade. A participação pode ser compreendida como operação das coexistências que nos ligam uns aos outros no trabalho extensionista.

A participação varia conforme as posições que assumimos na partilha dos saberes com os quais lidamos no trânsito por temas e grupos sociais. O próprio ato de escolha de determinadas temáticas sociais é um ato político que define ao lado de quem estamos, com quem lutamos. O avanço nas políticas de ações afirmativas no contexto brasileiro dos últimos anos, por exemplo, resultou do engajamento intelectual nos movimentos sociais de combate ao racismo e não exclusivamente na produção intelectual sobre o racismo<sup>7</sup>.

Foram as tensões provocadas pelos movimentos sociais e o compromisso de intelectuais com suas pautas de lutas que geraram as transformações que produziram no contexto brasileiro as leis 10.639/03 e 11.645/08 que introduzem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas e, posteriormente, após o desenvolvimento de importantes políticas de ações afirmativas nas universidades públicas brasileiras (estaduais e federais) a criação e implantação da lei 12.711/12, mais conhecida como Lei das Cotas. E tais leis, como bem sabemos, geraram ações nos mais diversos campos de atuação da vida acadêmica sobretudo no campo da extensão universitária.

A criação do Programa Conexões de Saberes no ano de 2004 e sua expansão nos anos posteriores, por exemplo, introduziu em escala nacional investimentos na participação popular em ações extensionistas comprometidas com o combate ao racismo e às mais diferentes formas de discriminação social no Brasil<sup>8</sup>. A orientação geral do programa era criar condições para que professores e estudantes universitários de origem popular desenvolvessem atividades extensionistas em comunidades populares no cenário brasileiro, com o objetivo de fortalecer as mais diferentes iniciativas no campo das ações afirmativas, sobretudo as ações voltadas para a democratização do acesso e permanência para as pessoas historicamente excluídas das universidades por suas condições de classe, raça, gênero e deficiência física.

Ainda segundo o exemplo do programa, a escolha das estudantes e dos estudantes participantes das ações deveria atender a critérios socioeconômicos e étnico raciais que qualificassem suas atuações junto às comunidades com as quais estariam envolvidos. Por outro lado, a inserção dos jovens na comunidade deveria se pautar pela escuta e composição de planos de ações e sistematizações entre aqueles e aquelas com as quais se comprometiam, os resultados de tais trabalhos geravam processos e produtos que fortaleciam tanto os laços da comunidade em suas lutas cotidianas quanto o fortalecimento político da formação acadêmica na escolha das lutas sociais como campo de atuação intelectual.

Trabalhar na construção e fortalecimento de laços sociais inverte o lugar da participação, rompe com as verticalidades que instituem os patamares de superioridade entre saberes acadêmicos e não acadêmicos. Direciona a participação para a construção dos elos entre ações, reflexões e novas ações, criando teias de socializações de saberes e fazeres em diferentes níveis e momentos da construção social da experiência extensionista. Orlando Fals Borda definiu tal dinâmica de forma exemplar quando apresenta o ritmo e o equilíbrio de ação-reflexão. Ao se colocar ao lado das pessoas com quem atua em campo, o extensionista-educador-pesquisador cria diferentes instâncias de elaboração do conhecimento necessário às lutas.

7 A retomada do movimento em defesa das ações afirmativas no Brasil marcou a primeira década do século em que estamos. Dentro dos contextos acadêmicos brasileiros tal movimento ficou dividido entre os que defendiam as cotas para negros e indígenas e os que eram contrários a tal política. Analo tal situação de para mostrar que as posições entre estudiosos e estudosas das questões étnico raciais no Brasil dividiram entre os que viam os sujeitos de suas pesquisas como objetos de suas teorias e os que viam tais sujeitos como agentes de transformação dos seus compromissos com a importante luta pelo direito à universidade (PIMENTEL, 2013).

8 A criação do Programa Conexões de Saberes foi inspirada no trabalho desenvolvido nos anos anteriores na Favela da Maré, no Rio de Janeiro, quando jovens moradores da favela egressos de cursos universitários criaram o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) instituição que gerou, entre outras ações, cursos preparatórios para o ingresso dos jovens da comunidade na universidade. Tal experiência foi amplamente analisada por Jailson de Souza e Silva (2003), nome que se destaca também como um dos idealizadores do Programa instituído pelo Ministério da Educação no ano de 2004.

O conhecimento então se move como uma espiral contínua em que o pesquisador vai das tarefas mais simples para as mais complexas e do conhecido para o desconhecido, em contato permanente com as bases sociais. Das bases, os conhecimentos são recebidos e processados; a informação é sintetizada em primeiro nível; e a reflexão se dá em um nível mais geral e válido. Em seguida, dos dados são restituídos às bases de uma forma mais consistente e ordenada; estudam-se as consequências desta restituição; e assim por diante, indefinidamente, mas de maneira equilibrada, determinada pela própria luta e por suas necessidades [...] (FALS BORDA, 1985, p.55)

A participação pode ser compreendida como dimensão responsiva das práticas coletivas de partilha dos saberes. Varia conforme as circunstâncias sociais do estar junto, os níveis de informações produzidas, as exigências de sistematização e os processos de restituições do que foi aprendido em amplo regime de socialização do conhecimento. Gerar respostas para as problematizações que nos colocamos uns com os outros no trabalho extensionista implica em criar e fortalecer elos sentipensantes que nos vinculam, ou, em outras palavras, compreender os sentimentos de pertença que nos reúne coletivamente no pensar e no agir. Implica também o trato com o cultivo dos saberes em diferentes momentos do trabalho, a organização e planejamento das nossas ações (e projetos) à produção de resultados que geram sempre, novas demandas de atuação.

## **A produção como ética do compromisso com o vivido**

Quando praticamos extensão universitária movidos pelo compromisso com as lutas sociais do presente em que estamos, produzimos constructos de legitimação do vivido que conferem corpo, alma e movimento à experiência coletiva da partilha dos saberes.

Resultam de nossas ações, narrativas faladas e escritas que compõem as diferentes paisagens conversacionais em que circulamos. Artefatos de imaginações e memórias que transformam o presente vivido em matéria exemplar do sentir-pensar-agir coletivos. Artes de manejo do trabalho coletivo nos processos de ação-reflexão-ação em que nos movemos uns com os outros na experiência extensionista.

Produzir é um ato de partilha fundado no compromisso de transformação das experiências vividas em grupo sob a forma e o conteúdo de ações futuras, sempre orientadas pela afirmação do fazer coletivo; da avaliação crítica do passado; do estar juntos a caminho de condições mais justas e menos desiguais de convívio social no presente.

O compromisso deve ser entendido, segundo Orlando Fals Borda (2012) como um “feito social em si mesmo” uma atitude em que o trabalhador intelectual coloca o seu pensamento e a sua arte a serviço de grandes causas sociais. Ao mesmo tempo que o compromisso abre a atuação extensionista aos temas e conflitos externos à universidade, também move aquelas e aqueles que a praticam no trato com os saberes e fazeres produzidos ao longo do caminhar juntos.

El compromiso-acción es, esencialmente, una actitud personal del científico ante las realidades de la crisis social, económica y política en que se encuentra, lo que implica en su mente la convergencia de dos planos: el de la conciencia de los problemas que observa y el del conocimiento de la teoría y los conceptos a esos problemas. El punto de convergencia sobrepasa el nivel de la producción práctica de conocimientos para tocar el nivel de la interpretación de la comunicación social[...] (FALS BORDA, 2012, p189)

Orientada pelo compromisso com a transformação social, a produção gera as formas de conhecimento que viabilizam as relações sociais ao longo das experiências em campo e, por outro lado, possibilitam partilhas de interpretações geradoras de novas formas de reflexividade contextual e relacionamento social.

Voltemos ao exemplo do Programa Conexões de Saberes, mencionado anteriormente. No ano de 2006 as 14 universidades brasileiras que deram início às ações do programa entre os anos de 2004 e 2005, lançaram uma coleção de livros intitulada: Caminhadas de Universitários de Origem Popular. Cada volume traz um conjunto de memoriais dos jovens participantes do programa em universidades dos mais diferen-



tes estados brasileiros. Os textos expressam os caminhos sociais percorridos pelos jovens e pelas jovens para terem acesso à universidade e ao mesmo tempo, para lutarem pela permanência nas universidades.

O conjunto dos memoriais revela as diferentes faces e marcas identitárias dos e das jovens das camadas populares para chegarem às universidades e enfrentarem as tensões que perpassavam seus cotidianos dentro e fora dos contextos acadêmicos. O volume da coleção referente à Universidade Federal da Bahia (UFBA) traz 29 memoriais dos primeiros estudantes daquela universidade que participaram do programa. Entre os textos encontra-se o memorial de Arissana Braz Bonfim de Souza, jovem indígena Pataxó, que à época estudava Artes Plásticas na Escola de Belas Artes da UFBA.

Com a conclusão do seu curso, a jovem indígena voltou à sua comunidade de origem e hoje é professora do Colégio Indígena de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia, no sul do estado da Bahia. Muitos dos ex-alunos de Arissana ingressam na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e tornam-se meus alunos e minhas alunas. Durante as atividades do componente curricular Universidade e Sociedade<sup>9</sup>, experimentamos a iniciação em atividades extensionistas e de pesquisa quando estamos em nossas atividades de ensino. Além de realizarmos exercícios de escuta sobre a importância da nossa universidade para a comunidade local, procuramos refletir sobre os desafios vividos pelos jovens locais para terem acesso e conseguirem permanecer na universidade. É nesse momento que o memorial de Arissana passa a se tornar uma importante leitura de formação no processo.

Ao entrarem em contato com o texto os jovens expressam entusiasmo, muitos conhecem a autora, em seguida eles e elas passam a conhecer mais as redes sociais que tornaram possível a escolarização e ingresso da jovem professora na universidade. Há uma série de efeitos que o texto produz ainda hoje, além, do despertar cognitivo para a compreensão de um importante programa de extensão universitária no contexto contemporâneo das lutas pelas ações afirmativas no Brasil.

Depois da leitura do texto cada jovem faz o seu próprio memorial e organizamos exposições, saraus e aulas públicas em que as produções são expostas, com o objetivo de sensibilizar a população local para a importância da universidade tanto para a comunidade local, quanto para a região e o país em que estamos. Somos a última universidade criada durante a fase de interiorização e expansão das universidades públicas brasileiras. Somos também a menor universidade do país, não ultrapassamos cinco mil pessoas entre estudantes, docentes, técnicos administrativos e servidores terceirizados. Somos ainda a universidade que sofreu o maior contingenciamento de recursos no ano de 2019<sup>10</sup>, quando este artigo era escrito.

O recurso da aplicação do texto de Arissana em sala de aula alimenta um ciclo de reflexões em que a articulação do sabido ao vivido conferem sentido e direção às práticas coletivas de partilha dos saberes no que diz respeito dimensão produtiva da experiência extensionista. O produto expressa sempre o resultado de um esforço coletivo na composição de feitos sociais emergentes das lutas coletivas. Neste caso interessa menos o que o define enquanto produto e mais o que o torna possível no ir e vir das problematizações e participações por meio das quais nos relacionamos uns com os outros na produção do conhecimento quando praticamos extensão universitária.

## Considerações finais

Procurei destacar ao longo do texto três práticas emergentes dos processos educativos adstritos às experiências extensionistas. Problematizar, participar e produzir configuram práticas coletivas resultantes dos diálogos interculturais que viabilizam as partilhas de saberes no ir e vir social da extensão universitária.

Apesar da aparente linearidade na ordem de apresentação das práticas em destaque no artigo, espero ter deixado claro que problematizar, participar e produzir alternam-se conforme o movimento

<sup>9</sup> Componente curricular oferecido no primeiro quadrimestre de ingresso das estudantes e dos estudantes em nossa universidade.

<sup>10</sup> O contingenciamento de recursos para as universidades públicas brasileiras foi anunciado no mês de abril de 2019. No mês de maio a Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino) divulga nota em que a UFSB se destaca como a universidade com o maior volume de recursos contingenciados em comparação com as demais universidades federais. Segundo a instituição foram contingenciados 54% dos recursos previstos para o orçamento de 2019.

de inserção e atuação nas lutas sociais em que inscrevemos nossos projetos e programas de extensão universitária. Variações do agir nas redes sociais que passamos a compor, quando saímos do isolamento intelectual para nos dedicarmos ao trabalho coletivo na produção do conhecimento. Práticas coletivas que alimentam a partilha e se retroalimentam na partilha dos saberes.

Coloquei em destaque uma concepção de extensão universitária insubordinada aos modelos de dominação epistemológica que impõem separações rígidas entre o acadêmico e o não acadêmico. Creio que tal concepção, já em curso ao longo da história das lutas sociais que perpassam as universidades no Brasil e na América Latina, ajuda-nos a compreendermos o importante papel da extensão na descolonização do conhecimento e das relações sociais que atravessam a produção do conhecimento.

Vivemos um período de ascensão do neoconservadorismo nos costumes associado ao neoliberalismo na economia e na política. Momento grave de expansão de intolerâncias ideológicas, autoritarismos políticos e estreitezas moralistas. As universidades públicas se veem atacadas em seus direitos à escolha democrática dos seus dirigentes; são ameaçadas quanto à segurança orçamentária e financeira necessária à manutenção da qualidade dos seus processos; cerceadas nas suas liberdades didático-científicas. O que vemos no presente é a persistência de traços marcantes do passado colonial com feições aparentemente novas.

Retomar o conceito de colonialismo intelectual em Orlando Fals Borda foi o recurso encontrado para expor no presente caminhos do pensamento que, no século passado, experimentavam o diálogo intercultural e o compromisso com lutas sociais, como investimento teórico e prático na formulação e na descolonização da produção do conhecimento. Tal conceito resultou das reflexões produzidas pela investigação-ação-participativa com grupos indígenas, camponeses e populações urbanas oprimidas em seus contextos de vida e, no direito à vida.

Como intelectual que atravessou o século XX e o século XXI, Orlando Fals Borda deixou um importante legado ao lado daquelas e daqueles com os quais saiu da universidade para a militância com as lutas populares; e retornou com respostas inovadoras para o trabalho do pensamento e da ação sensíveis aos dramas sociais do mundo existente. Procurei mostrar que muito do que ele fez continua potente para avançarmos no trabalho da extensão universitária na luta por outros modos de fazer universidade, fazendo dos conflitos vividos em sociedade lugar de nosso trabalho, nosso compromisso com um futuro menos injusto e desigual.

A opção pela extensão universitária é epistemológica e política. Epistemológica porque coloca ênfase nas práticas de conhecimento inscritas no fazer extensionista como práticas de partilha portadoras de teorias e métodos que lhes são próprios. Políticas porque no contexto brasileiro, a extensão universitária não goza do mesmo prestígio social que o ensino e a pesquisa (e isso não é de hoje), no entanto, a riqueza e variedade de programas e projetos com potencial inovador advindos da extensão universitária disponibiliza um rico acervo de saberes vivenciais. Destaquei de maneira muito breve, o Programa Conexões de Saberes como um dos exemplos disponíveis para o diálogo com os aspectos conceituais eleitos para a produção deste artigo.

Fazendo extensão aprendemos também outras formas de fazer pesquisa e ensino à medida que o compromisso com a sociedade em que vivemos reduz as distâncias entre os saberes e fazeres com os quais produzimos lugares para estarmos uns com os outros no presente.

## Referências

BONILLA, Victor D; CASTILLO, Gonzalo; FALS BORDA, Orlando; LIBREROS, Augusto. **Causa Popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação.** BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

BRINGEL, Breno; MALDONADO, E. Emiliano. Pensamento Crítico Latino-Americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borda: **práxis, subversão e libertação.** Revista Direito e Práxis, vol. 7, nº 13, 2016, pp. 389-413, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

CARRILLO, Alfonso Torres. Orlando Fals Borda e a Pedagogia da Práxis. In: STRECK, Danilo R. (Org). **Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FALS BORDA, Orlando. **Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante:** considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). Pesquisa Participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa-Ação, Ciência e Educação Popular nos anos 90.** In: STRECK, Danilo R. (Org). Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ciencia, Compromisso y Cambio Social.** Buenos Aires: El Colectivo - Lanzas e Letras – Extensión Libros, 2012.

\_\_\_\_\_. **La Subversión en Colombia: el cambio social en la historia.** Bogotá: FICA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Una Sociología Sentipensante para América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2015.

\_\_\_\_\_. MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1965.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de Extensão Universitária Brasileiras.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PIMENTEL, Álamo. **O Encontro e a Troca:** ensaios de antropologias do aprender e genealogias do conviver. Salvador: EDUFBA, 2013.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. A Construção do Conceito de Extensão Universitária na América Latina. In: FARIA, Dóris Santos de. Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução às Epistemologias do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** Coimbra (PT): Edições Almedina,

2010.

SILVA, Jailson de Souza e. **“Porque uns e não outros?”**, caminhadas de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y Colonialidad del Poder**: um pensamento y posicionamento outro desde la diferencia colonial. In: LINERA, Álvaro García; MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine (Orgs). Interculturalidad, descolonización del Estado y del Conocimiento. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

Recebido em 8 de outubro de 2019.

Aceito em 29 de novembro de 2019.